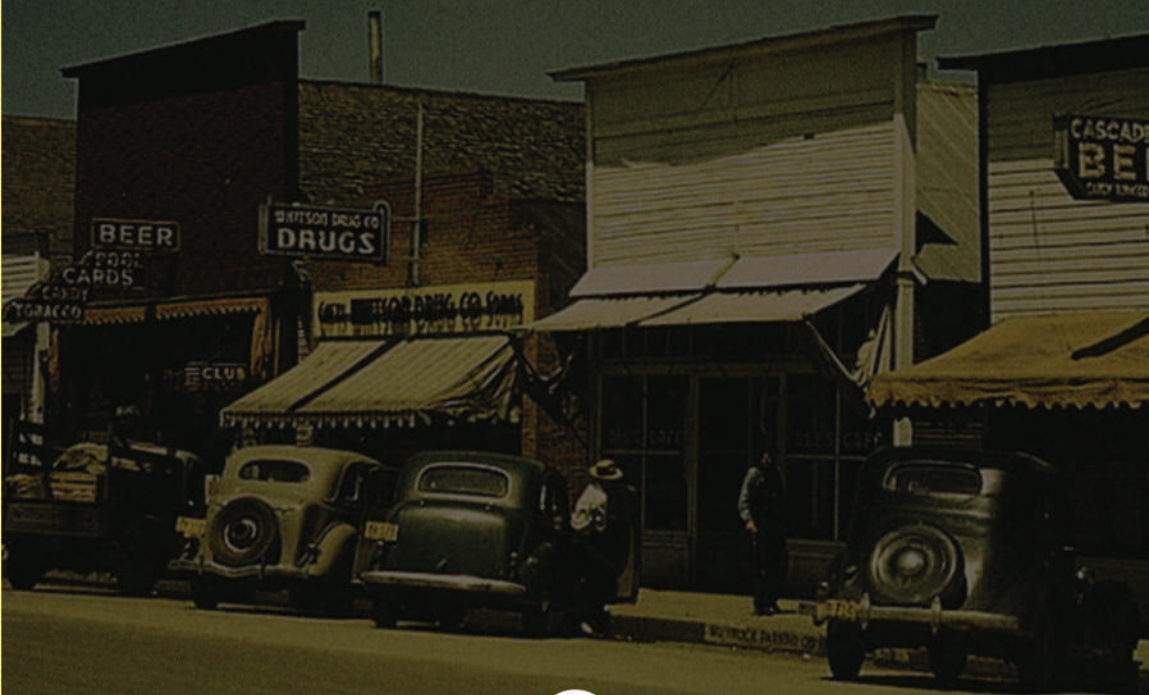


SHIRLEY JACKSON

«Estas histórias fazem-nos lembrar os terrores mais profundos da juventude.»

HERALD TRIBUNE

A LOTARIA E OUTRAS HISTÓRIAS



cavalo de ferro

Para a minha mãe e o meu pai

O EMBRIAGADO

Estava bêbado o suficiente e suficientemente à vontade na casa para ir sozinho até à cozinha, aparentemente para ir buscar gelo, mas, na verdade, para recuperar um pouco a sobriedade; não era um amigo tão íntimo da família para adormecer no sofá da sala. Deixou a festa para trás sem relutância, o grupo junto ao piano cantava *Stardust*, a anfitriã conversava animadamente com um jovem de óculos finos e limpos e boca taciturna; atravessou, cautelosamente, a sala de jantar, onde um grupo de quatro ou cinco pessoas estava sentado em cadeiras rígidas, discutindo circunspectamente sobre algum tema; as portas da cozinha abriram-se abruptamente sob o seu toque, e ele sentou-se ao lado de uma mesa lacada de branco, limpa e fria sob a sua mão. Pousou o copo num bom lugar do padrão verde e ergueu os olhos, tendo descoberto uma jovem que o fitava especulativamente do outro lado da mesa.

– Olá – disse ele. – Tu és a filha?

– Sou a Eileen – respondeu ela. – Sim.

Pareceu-lhe volumosa e mal formada; são as roupas que usam agora as jovens raparigas, pensou nebulosamente; tinha o cabelo com duas tranças, que lhe caíam de cada lado do rosto, e parecia jovem e fresca, e nada aperaltada: a camisola tinha um tom arroxeadado, e o cabelo era escuro.

– Pareces simpática e sóbria – disse, apercebendo-se de que era algo que não devia dizer a jovens raparigas.

– Estava apenas a beber uma chávena de café – disse Eileen. – Quer que lhe prepare uma?

Ele quase se riu, pensando que ela acreditava estar a lidar, de um modo conhecedor e competente, com um rude bêbedo.

– Obrigado – disse ele. – Acho que vou querer. – Fez um esforço para focar a vista; o café estava quente, e quando ela pousou uma caneca à sua frente, disse:

– Suponho que goste dele simples.

Ele aproximou o rosto sobre o vapor e deixou que este lhe entrasse nos olhos, na esperança de desanuviar a cabeça.

– Parece uma festa encantadora – disse Eileen, sem ânsia alguma –, devem estar todos a divertir-se imenso.

– É uma festa encantadora.

Ele começou a beber o café, a esquentar, querendo que ela soubesse que o havia ajudado. Agitou um pouco a cabeça e sorriu para ela. – Sinto-me melhor – disse –, graças a ti.

– Deve estar muito calor na outra sala – disse ela num tom reconfortante.

Depois, ele riu abertamente, e Eileen franziu o sobrolho, mas ele pôde ver que ela o desculpava, quando continuou:

– Estava tanto calor lá em cima que pensei que seria agradável vir cá a baixo um bocado e sentar-me aqui.

– Estavas a dormir? – perguntou. – Acordámo-te?

– Estava a fazer os trabalhos de casa – disse Eileen.

Ele voltou a olhar para ela, vendo-a sobre um fundo de trabalhos de caligrafia e composições, manuais usados e risos entre secretárias.

– Estás no secundário?

– Sou finalista. – Pareceu esperar que ele lhe dissesse alguma coisa, e depois continuou: – Estive fora um ano, quando tive uma pneumonia.

Ele teve dificuldade em encontrar algo para dizer (devia perguntar-lhe acerca de rapazes? de basquetebol?) e, por isso, fingiu que estava a ouvir os barulhos distantes, oriundos da frente da casa.

– É uma bela festa – repetiu, vagamente.

– Suponho que goste de festas – disse Eileen.

Estupefacto, ficou sentado, a fitar a chávena de café vazia. Supunha que gostava de festas; o tom dela fora de leve surpresa, como se, em seguida, se fosse declarar a favor de uma arena com gladiadores a combater animais selvagens, ou da valsa circular e solitária de um louco num jardim. «Tenho quase o dobro da tua idade, minha menina»,

pensou, «mas não foi assim há tanto tempo que também tinha trabalhos de casa para fazer».

– Jogas basquetebol? – perguntou.

– Não – disse Eileen.

Ele recordou, com irritação, que Eileen chegara primeiro à cozinha, que vivia na casa, e que tinha de continuar a falar com ela.

– É sobre o quê, o trabalho de casa? – perguntou.

– Estou a escrever uma composição sobre o futuro do mundo – disse ela, e sorriu. – Soa estúpido, não é? Eu acho que é uma estupidez.

– Na festa, lá à frente, estão a falar nisso. Foi uma das razões por que vim até aqui. – Ele podia vê-la a pensar que aquela não era, de todo, a razão por que ele ali fora, e acrescentou baixinho: – O que estás a dizer acerca do futuro do mundo?

– Não me parece que tenha grande futuro – disse ela –, pelo menos tal como é agora.

– É uma época interessante para se estar vivo – disse ele, como se ainda estivesse na festa.

– Bem, afinal de contas – disse Eileen –, não se pode dizer que não *soubéssemos* com antecedência.

Ele olhou para ela por um minuto; ela fitava distraidamente a biqueira do seu sapato *Oxford* bicolor, movendo o pé suavemente para trás e para a frente, seguindo-o com os olhos.

– É, realmente, um tempo assustador aquele em que uma rapariga de 16 anos tem de pensar em coisas dessas. «No meu tempo», pensou em dizer ironicamente, «as raparigas não pensavam em mais nada para além de *cocktails* e beijos».

– Tenho 17. – Ela ergueu os olhos e sorriu-lhe de novo. – Há uma diferença terrível.

– No meu tempo – disse, exagerando a ênfase –, as raparigas não pensavam em mais nada para além de *cocktails* e beijos.

– Isso é parte do problema – respondeu Eileen com seriedade. – Se as pessoas tivessem ficado verdadeira e honestamente assustadas no seu tempo, hoje não estaríamos tão mal.

A voz dele saiu um pouco mais dura do que ele pretendia («Quando eu era novo!»), e virou-lhe parcialmente as costas como se pretendesse

indicar o pouco interesse de uma pessoa mais velha que está a ser simpática com uma criança:

– Acho que pensávamos que estávamos assustados. Imagino que todos os miúdos de 16, 17, achem que estão assustados. É parte de uma fase por que passamos, como andar atrás de rapazes.

– Estou constantemente a pensar em como será. – Eileen falava muito baixinho, com grande clareza, olhando para um ponto da parede imediatamente atrás dele. – Por alguma razão, acho que as igrejas serão as primeiras a cair, mesmo antes do Empire State Building. E depois todos os grandes blocos de apartamentos junto ao rio, deslizando lentamente para a água, com as pessoas no seu interior. E as escolas, talvez a meio de uma aula de Latim, enquanto estamos a ler César – levantou os olhos em direcção ao rosto dele, fitando-o com um entusiasmo dormente. – Sempre que começamos um capítulo de César, pergunto-me se este não será aquele que nunca chegaremos a terminar. Talvez nós, na nossa aula de Latim, sejamos as últimas pessoas a ler César.

– Isso seriam boas notícias – disse ele, sem reflectir. – Eu costumava odiar César.

– Suponho que, quando somos novos, todos odeiem César – disse ela, atrevidamente.

Ele esperou um minuto antes de dizer:

– Acho que é um bocadinho estúpido da tua parte, encheres a mente com todo esse lixo mórbido. Compra uma revista de cinema e acalma-te.

– Poderei ter todas as revistas de cinema que quiser – disse Eileen, insistentemente. – Os vagões do metropolitano abater-se-ão, sabe, e os pequenos quiosques de revistas serão esmagados. Poderemos apanhar todas as tabletes de chocolate que quisermos, e as revistas, e os batons, e as flores artificiais das lojas de promoções, e haverá vestidos espalhados pelas ruas provenientes de todas as grandes marcas. E casacos de peles.

– Espero que as garrafeiras fiquem escancaradas – disse ele, começando a sentir-se impaciente com ela –, entraria numa delas, servir-me-ia de uma caixa de *brandy* e nunca mais me voltaria a preocupar com nada.

– Os edifícios de escritórios não serão mais do que pilhas de pedras partidas – disse Eileen, continuando a olhar para ele com os olhos expressivos e grandes. – Se ao menos pudéssemos saber exactamente em que *minuto* chegará.

– Estou a ver – disse ele. – Estou de acordo com o resto. Estou a ver.

– As coisas serão diferentes, depois – disse ela. – Tudo o que faz do mundo o que este é agora terá desaparecido. Teremos novas regras e novos modos de vida. Talvez haja uma lei que proíba que vivamos em casas, para que ninguém se possa esconder de ninguém, está a ver?

– Talvez haja uma lei que mantenha todas as meninas de 17 anos na escola a aprender a terem juízo – disse ele, levantando-se.

– Não haverá escolas – disse ela, monocordicamente. – Ninguém aprenderá nada. Para impedir que regressemos ao ponto em que nos encontramos.

– Bem – disse ele, com uma pequena gargalhada. – Fazes com que soe muito interessante. Lamento não estar cá para o ver.

Parou, com o ombro contra a porta oscilante que se abria para a sala de jantar. Sentia um desejo terrível de dizer algo adulto e contundente, e no entanto tinha medo de lhe mostrar que a tinha ouvido, que quando ele era novo as pessoas não falavam assim.

– Se tiveres dificuldades com o Latim – disse por fim. – Terei todo o gosto em dar-te uma ajuda.

Ela deu uma risadinha, chocando-o.

– Continuo a fazer os meus trabalhos de casa todas as noites – disse ela.

De volta à sala de jantar, com pessoas a andar alegremente à sua volta, o grupo junto ao piano a cantar agora «Home on the Range», a anfitriã, mergulhada numa conversa animada com um homem alto, elegante, de fato azul, encontrou o pai da rapariga e disse-lhe:

– Acabo de ter uma conversa muito interessante com a sua filha.

Os olhos do anfitrião percorreram rapidamente a sala.

– Com Eileen? Onde é que ela está?

– Na cozinha. Está a fazer os trabalhos de Latim.

– *Gallia est omnia divisa in partes tres* – disse o anfitrião, sem qualquer expressão. – Eu sei.

- Uma rapariga verdadeiramente extraordinária.
- O anfitrião abanou a cabeça, pesarosamente.
- Os miúdos de hoje – disse ele.

O AMANTE DEMONÍACO

Ela não dormira bem; desde a uma e meia, quando Jamie partira e ela fora vagarosamente para a cama, até às sete, quando por fim se permitiu levantar e fazer o café, tinha dormido mal, acordando agitada, e abrindo os olhos para fixar a semiobscuridade, recordando uma e outra vez, voltando a cair num sonho febril. Passou quase uma hora de volta do café – iriam tomar um pequeno-almoço a sério no caminho – e depois, a menos que se quisesse vestir cedo, nada tinha para fazer. Lavou a caneca do café e fez a cama, olhando cuidadosamente para as roupas que planeava usar, preocupando-se desnecessariamente, fitando a janela, se aquele seria um dia bonito. Sentou-se para ler, pensou que talvez pudesse escrever antes uma carta à irmã e começou, na sua melhor caligrafia: «Querida Anne, quando receberes esta carta, estarei casada. Não parece engraçado? Eu mesma quase nem acredito, mas quando te contar como tudo aconteceu, verás que é ainda mais estranho do que isso...»

Sentada, com a caneta na mão, hesitou em relação ao que dizer a seguir, leu as linhas que já havia escrito e rasgou a carta. Dirigiu-se à janela e viu inegavelmente que era um dia belo. Ocorreu-lhe que talvez não devesse usar o vestido de seda azul; era demasiado simples, quase austero, e queria mostrar-se delicada, feminina. Ansiosamente, passou em revista os vestidos do armário, e hesitou em relação a um de algodão estampado que vestira no Verão anterior; era demasiado jovem para ela, e tinha gola de renda, e era demasiado cedo no ano para um vestido estampado, ainda assim...

Pendurou os dois vestidos, lado a lado, na parte de fora da porta do roupeiro e abriu as portas de vidro cuidadosamente fechadas sobre o pequeno armário que era a sua *kitchenette*. Ligou o bico por baixo da

cafeteira e dirigiu-se à janela; estava sol. Quando a cafeteira começou a crepitar, regressou e serviu-se de um café, numa caneca limpa. «Vou ficar com dores de cabeça se não ingerir algum alimento sólido em breve», pensou, «todo este café, demasiado tabaco, sem um verdadeiro pequeno-almoço». Uma dor de cabeça no dia do seu casamento; foi buscar a caixinha de lata das aspirinas ao armário da casa de banho e meteu-a na carteira azul. Teria de mudar para uma carteira castanha se usasse o vestido estampado, e a única carteira castanha que tinha estava em mau estado. Impotente, ficou a olhar para a carteira azul e para o vestido estampado, e depois pousou a carteira, foi buscar o café e sentou-se perto da janela, a bebê-lo, e a olhar atentamente à sua volta, para o apartamento de uma só divisão. Planeavam regressar ali, naquela noite, e tudo tinha de estar no lugar. Com um súbito horror apercebeu-se de que se esquecera de fazer a cama com lençóis lavados; acabara de receber a roupa da lavandaria, e foi buscar uns lençóis e umas fronhas à prateleira de cima do roupeiro e desmanchou a cama, trabalhando rapidamente para evitar qualquer pensamento consciente acerca da razão pela qual estava a mudar os lençóis. A cama era de estúdio, com uma colcha para fazer parecer um sofá, e quando terminou ninguém saberia que acabava de pôr lençóis lavados. Levou os lençóis e as fronhas usados para a casa de banho e enfiou-os no cesto da roupa suja; pôs as toalhas de banho também no cesto, e toalhas limpas nos toalheiros. Quando voltou, o café já estava frio, mas bebeu-o ainda assim.

Quando olhou para o relógio, por fim, e viu que já passava das nove, começou a apressar-se. Tomou um banho, usou uma das toalhas limpas, que enfiou no cesto da roupa suja e substituiu por uma lavada. Vestiu-se cuidadosamente, toda a roupa interior limpa e a maior parte dela nova; colocou tudo o que tinha vestido no dia anterior, incluindo a camisa de dormir no cesto da roupa suja. Quando ficou pronta para o vestido, hesitou em frente à porta do roupeiro. O vestido azul era, sem dúvida, decente e limpo e favorecia-a bastante, mas já o usara por várias vezes na companhia de Jamie, e não havia nele nada que o tornasse especial para um dia de casamento. O vestido estampado era demasiado bonito e novo para Jamie, mas usar um vestido estampado nessa época do ano era, sem dúvida, apressar as estações. Por fim,

pensou: «Este é o dia do meu casamento, posso vestir o que quiser», e tirou o vestido estampado do cabide. Quando o enfiou pela cabeça, pareceu-lhe fresco e leve, mas quando se olhou ao espelho, lembrou-se de que todas as rendas à volta do pescoço não mostravam grande parte da garganta, e a saia larga e esvoaçante parecia irresistivelmente feita para uma miúda, para alguém que pudesse correr livremente, dançar, abanar as ancas ao andar. Olhando para si mesma ao espelho, pensou com repulsa: «É como se estivesse a tentar parecer mais bela do que sou, só para ele; vai pensar que eu quero parecer mais nova porque ele se está a casar comigo»; e tirou o vestido estampado tão depressa que uma costura por baixo do braço se rasgou. No velho vestido azul, sentia-se confortável e familiar, mas insípida. «Não é o que vestes que importa», disse a si mesma em tom firme, e virou-se desiludida para o roupeiro para ver se ali encontraria mais alguma coisa. Não havia nada, nem sequer remotamente, que fosse apropriado para o casamento com Jamie e, por um minuto, pensou em sair rapidamente para ir a uma lojinha próxima e comprar um vestido. Depois viu que já eram quase dez horas e não tinha tempo para mais do que arranjar o cabelo e fazer a maquilhagem. O cabelo seria fácil, puxá-lo-ia para trás, prendendo-o num carrapito na curva do pescoço, mas a maquilhagem era mais um delicado equilíbrio entre apresentar tão bom aspecto quanto possível e iludir o mínimo. Não podia tentar disfarçar o tom amarelado da pele, ou as rugas em redor dos olhos, naquele dia, quando poderia parecer que só o estava a fazer por causa do seu casamento, e no entanto, não suportava a ideia de que Jamie desposasse alguém que parecesse olheirento e enrugado. «Afinal de *contas*, tens 34 anos», disse a si mesma, cruelmente, ao espelho da casa de banho. Trinta, dizia na carta de condução.

Passavam dois minutos das dez; não estava satisfeita com as suas roupas, o seu rosto, o seu apartamento. Voltou a aquecer o café e sentou-se na cadeira junto à janela. «Não posso fazer mais nada agora», pensou, «não vale a pena tentar melhorar nada à última hora».

Reconciliada, decidida, tentou pensar em Jamie e não conseguiu ver com clareza o seu rosto, apenas ouvir a sua voz. «É sempre assim com alguém a quem se ama», pensou, e deixou que a sua mente deslizasse para lá do hoje e do amanhã, para o futuro distante, quando

Jamie estivesse estabelecido com a sua escrita e ela tivesse deixado o emprego, o futuro na casa dourada no campo, que eles andavam a preparar desde a semana passada. «Eu costumava ser uma cozinheira maravilhosa», prometera a Jamie, «com um pouco de tempo e prática poderei lembrar-me de como se faz um bolo dos anjos. E galinha frita», disse, sabendo que as palavras permaneceriam na mente de Jamie, meio ternamente. «E molho holandês.»

Dez e meia. Levantou-se e dirigiu-se, determinada, para o telefone. Marcou o número e esperou, e a voz metálica da rapariga disse: «... serão exactamente dez e vinte e nove». Num gesto quase inconsciente, atrasou o relógio um minuto; recordava a sua própria voz a dizer à porta na noite anterior: «Então às dez em ponto. Estarei pronta. É mesmo *verdade?*»

E Jamie a rir ao longo do corredor.

Às onze horas, já havia cosido a costura rasgada do vestido estampado e voltara a guardar cuidadosamente a caixa de costura no roupeiro. Com o vestido estampado, sentou-se junto à janela a beber mais uma caneca de café. «Afinal, sempre podia ter demorado mais tempo a vestir-me», pensou; «mas agora já é tão tarde, que poderá chegar a qualquer minuto», e ela não se atrevia a tentar reparar nada sem começar tudo de novo. Não havia nada para comer no apartamento, à excepção da comida que comprara cuidadosamente para a vida que iam começar juntos: uma embalagem de *bacon* intacta, uma dúzia de ovos na sua caixa, um pão por encetar e uma manteiga por abrir; eram para o pequeno-almoço do dia seguinte. Pensou em correr até à locanda em busca de algo para comer, deixando um bilhete na porta. Depois decidiu esperar um pouco mais.

Às onze e meia, estava tão tonta e fraca que teve de sair. Se Jamie tivesse um telefone, ter-lhe-ia ligado nessa altura. Em vez disso, abriu a escrivaninha e escreveu um bilhete: «Jamie, fui lá abaixo à locanda. Volto dentro de cinco minutos.» A caneta borrou-lhe os dedos, e ela foi à casa de banho e lavou-os, usando uma toalha lavada, que substituiu. Prendeu o bilhete na porta, olhou uma vez mais para o apartamento garantindo que tudo estava perfeito e fechou a porta, sem a trancar, não fosse ele chegar.

Na locanda, entendeu que não havia nada que lhe apetecesse, a não ser mais café, e deixou-o por terminar porque se apercebeu, de súbito,

que Jamie estava, provavelmente, lá em cima, à espera, impaciente, e ansioso por começar.

Mas no piso de cima estava tudo preparado e silencioso, tal como ela o deixara, o bilhete por ler na porta, o ar no apartamento um pouco rançoso dos seus muitos cigarros. Abriu a janela e sentou-se junto a ela, até se ter apercebido de que estivera a dormir e que faltavam vinte minutos para a uma.

Agora, de súbito, sentia-se assustada. Despertando inadvertidamente numa sala de espera e vigília, tudo limpo e incólume desde as dez horas, sentiu medo, e sentiu uma necessidade urgente de se apressar. Levantou-se da cadeira e quase correu desde a sala até à casa de banho, salpicou o rosto com água fria, e usou uma toalha limpa; desta vez voltou a pousar a toalha no toalheiro sem a mudar; teria tempo suficiente para isso mais tarde. Sem chapéu, de vestido estampado, com um casaco castanho sobre ele, a carteira azul errada com a aspirina já na mão, trancou a porta do apartamento atrás de si, desta feita sem qualquer bilhete e correu pelas escadas. Apanhou um táxi na esquina e deu ao motorista a morada de Jamie.

Não era longe; poderia ter ido a pé se não se sentisse tão fraca, mas uma vez no táxi apercebeu-se, de súbito, como seria imprudente sair descaradamente do táxi à porta de Jamie, exigindo a sua presença. Pediu, como tal, ao motorista que a deixasse numa esquina próxima e, depois de lhe pagar, esperou que ele se afastasse antes de começar a descer o quarteirão. Nunca ali estivera antes; o edifício era agradável e antigo, e o nome de Jamie não estava em nenhuma das caixas de correio do vestíbulo, nem nas campainhas. Confirmou a morada; estava certa e por fim tocou na campainha marcada «Porteiro». Depois de um ou dois minutos, ouviu um zumbido e abriu a porta, entrando no corredor escuro, onde hesitou até uma porta se ter aberto, ao fundo, e alguém ter dito:

– Sim?

Soube nesse momento que não fazia ideia do que perguntar, por isso avançou na direcção da figura que aguardava contra a luz da porta aberta. Quando estava muito perto, a figura disse «Sim?» outra vez, e ela viu que era um homem em mangas de camisa, que não a conseguia ver tal como ela não o conseguia ver a ele.

Com uma súbita coragem, disse:

– Estou a tentar entrar em contacto com alguém que vive neste edifício, mas não encontro o seu nome lá fora.

– Que nome procura? – perguntou o homem, e ela apercebeu-se de que teria de responder.

– James Harris – disse ela. – Harris.

O homem ficou em silêncio durante um minuto e depois disse:

– Harris. – Virou-se para a sala para lá da porta iluminada e disse: – Margie, vem aqui um minuto.

– O que foi agora? – disse uma voz no interior, e depois de uma espera suficientemente longa para alguém se levantar de uma cadeira confortável, uma mulher juntou-se a ele à porta, fitando o corredor escuro.

– Está aqui uma senhora – disse o homem. – Uma senhora à procura de um tipo chamado Harris, que vive aqui. Há alguém com esse nome no prédio?

– Não – disse a mulher. A sua voz parecia divertida. – Não há aqui homens chamados Harris.

– Lamento – disse o homem e começou a fechar a porta. – Tem a morada errada, minha senhora – disse, e depois acrescentou numa voz mais baixa – ou o tipo errado – e ele e a mulher riram.

Quando a porta estava quase fechada e ela estava sozinha no corredor escuro, disse para a pequena frincha iluminada, ainda visível.

– Mas ele *vive* aqui; eu sei que vive.

– Olhe – disse a mulher, voltando a abrir um pouco a porta –, acontece muitas vezes.

– Por favor, não me confunda – disse ela, e a sua voz era muito digna, com 34 anos de orgulho acumulado. – Temo que não compreenda.

– Como era ele? – perguntou a mulher, cansada, a porta apenas parcialmente aberta.

– É bastante alto e louro. Usa muitas vezes um fato azul. É um escritor.

– Não – disse a mulher, e depois: – Poderia ter vivido no terceiro andar?

– Não tenho a certeza.

– Havia um tipo – disse a mulher, pensativamente. – Usava muito um fato azul, viveu no terceiro andar durante algum tempo. Os Roysters

emprestaram-lhe o apartamento enquanto foram visitar a família no interior.

– Pode ser isso; pensei, contudo...

– Este estava quase sempre de fato azul, mas não sei que altura tinha – disse a mulher. – Ficou lá cerca de um mês.

– Há um mês foi quando...

– Pergunte aos Roysters – disse a mulher. – Voltaram esta manhã. Apartamento 3B.

A porta fechou-se, definitivamente. O corredor ficou muito escuro, e as escadas pareciam ainda mais escuras.

No segundo andar, havia um pouco de luz proveniente de uma clarabóia lá bem em cima. As portas dos apartamentos alinhavam-se, quatro por piso, incomunicantes e silenciosas. Havia uma garrafa de leite à porta do 2C.

No terceiro andar, esperou um minuto. Ouviu o som de música do outro lado da porta do 3B, e conseguia ouvir vozes. Por fim, bateu e voltou a bater. A porta foi aberta, e a música chegou até ela, a transmissão vespertina de uma sinfonia.

– Como está? – disse educadamente à mulher que se erguia à porta.

– Sra. Royster?

– Correcto – a mulher envergava uma bata e a maquilhagem da noite anterior.

– Pergunto-me se poderia falar consigo um minuto?

– Com certeza – disse o Sr. Royster, sem se mover.

– Acerca do Sr. Harris.

– *Qual* Sr. Harris? – perguntou a Sra. Royster num tom monocórdico.

– O Sr. James Harris. O cavalheiro a quem emprestou o seu apartamento.

– Oh, céus – disse a Sra. Royster. Pareceu abrir os olhos pela primeira vez. – O que fez ele?

– Nada. Estou apenas a tentar entrar em contacto com ele.

– Oh, céus – disse de novo a Sra. Royster. Depois abriu mais a porta e disse: – Entre – e depois: – Ralph!

No interior, o apartamento continuava cheio de música e havia malas meias desfeitas em cima do sofá, das cadeiras, pelo chão. Uma mesa no canto estava posta com os restos de uma refeição, e o jovem que

ali se sentava, parecendo-se por um minuto com Jamie, levantou-se e atravessou a sala.

– O que se passa? – disse.

– O Sr. Royster – disse ela. Era difícil falar por cima da música. – O porteiro disse-me que era aqui que o Sr. James Harris estava a viver.

– Claro – disse ele. – Se é esse o nome dele.

– Pensei que lhe tinha emprestado o apartamento – disse ela, surpreendida.

– *Eu* não sei nada acerca dele – disse o Sr. Royster. – É um dos amigos da Dottie.

– Não é um dos *meus* amigos – disse a Sra. Royster. – Não é meu amigo. – Tinha-se dirigido à mesa e estava a espalhar manteiga de amendoim numa fatia de pão. Deu uma dentada e falou, com a boca cheia, acenando com o pão e a manteiga de amendoim na direcção do marido. – Não é *meu* amigo.

– Trouxeste-o de uma daquelas malditas reuniões – disse o Sr. Royster. Empurrou uma mala de cima da cadeira ao lado do rádio e sentou-se, apanhando uma revista do chão ao seu lado. – Eu nunca lhe dirigi mais de dez palavras.

– Disseste que não havia problema em emprestar-lhe a casa – disse a Sra. Royster, antes de dar mais uma dentada. – Nunca disseste nada contra isso, afinal de *contas*.

– *Eu* não digo nada acerca dos *teus* amigos – disse o Sr. Royster.

– Se fosse um amigo meu, terias dito *bastante*, acredita – disse a Sra. Royster, sombriamente. Deu mais uma dentada e acrescentou: – Acredite em mim, teria dito *bastante*.

– É tudo o que quero ouvir – disse o Sr. Royster, por cima da revista. – Por agora, chega.

– Está a ver. – A Sra. Royster apontou o pão com manteiga de amendoim na direcção do marido. – É sempre assim, dia e noite.

Houve um silêncio, à excepção da música que bradava do rádio ao lado do Sr. Royster, e depois ela disse, numa voz que dificilmente confiava poder ser ouvida por cima do ruído do rádio:

– Foi-se embora, então?

– Quem? – perguntou a Sra. Royster, olhando por cima do frasco da manteiga de amendoim.

– O Sr. James Harris.

– Esse? Deve ter partido esta manhã, antes de regressarmos. Não há sinal dele em parte nenhuma.

– Partiu?

– Mas estava tudo bem, perfeitamente bem. Eu disse-te – disse ela à Sra. Royster. – Eu disse-te que ele ia cuidar bem de tudo. Consigo sempre perceber.

– Tiveste sorte – disse o Sr. Royster.

– Nem uma coisa fora do sítio – disse a Sra. Royster. Agitou o pão com manteiga de amendoim num gesto inclusivo. – Estava tudo tal como o deixámos – disse.

– Sabe onde está agora?

– Não faço a mais pequena ideia – disse a Sra. Royster, alegremente.

– Mas, como disse, deixou tudo bem. Porquê? – perguntou subitamente. – Está à procura *dele*?

– É muito importante.

– Lamento que não esteja aqui – disse a Sra. Royster. Avançou, educadamente, quando viu a sua visita a virar-se para a porta.

– Talvez o porteiro o tenha visto – disse o Sr. Royster para a revista.

Quando a porta se fechou atrás dela, o corredor ficou de novo escuro, mas o som do rádio foi abafado. Estava a meio do primeiro lance de escadas, quando a porta foi aberta e a Sra. Royster gritou para as escadas:

– Se eu o vir, dir-lhe-ei que estava à procura dele.

«O que posso eu fazer?», pensou, de novo na rua. Era impossível ir para casa, não com Jamie algures entre cá e lá. Ficou de pé, no passeio, durante tanto tempo que uma mulher, que se inclinava de uma janela do outro lado da rua, se virou e chamou alguém que se encontrava no interior para ir ver. Por fim, seguindo um impulso, dirigiu-se à pequena charcutaria ao lado do edifício de apartamentos, do lado que dava para o seu próprio apartamento. Encontrou um homem pequeno a ler um jornal, encostado ao balcão; quando ela entrou, ele ergueu os olhos e avançou, dentro do balcão, ao seu encontro.

Por cima da vitrina de carnes frias e queijos, ela disse, timidamente:

– Estou a tentar entrar em contacto com um homem que vivia no edifício aqui ao lado, e estava apenas a perguntar-me se o conheceria.

– Porque não perguntou às pessoas de lá? – disse o homem, os olhos semicerrados, inspeccionando-a.

«É porque não estou a comprar nada», pensou, e disse:

– Desculpe. Eu perguntei-lhes, mas não parecem saber nada acerca dele. Açam que partiu esta manhã.

– Não sei o que quer que *eu* faça – disse ele, recuando um pouco em direção ao jornal. – Não estou aqui para estar a par dos tipos que entram e saem da porta ao lado.

Ela disse rapidamente:

– Pensei que pudesse ter reparado, mais nada. Teria passado por aqui, um pouco antes das dez. É bastante alto, e normalmente usa um fato azul.

– Sabe quantos homens de fato azul passam por aqui todos os dias, minha senhora? – perguntou o homem. – Até parece que não tenho mais nada para fazer, senão...

– Desculpe – disse ela.

Ouviu-o dizer:

– Por amor de Deus – à medida que saía porta fora.

Enquanto avançava em direção à esquina, pensou, «ele deve ter vindo por aqui, é este o caminho para minha casa, é o único caminho que pode ter feito a pé». Tentou pensar em Jamie: onde teria ele atravessado a rua? Que tipo de pessoa seria ele, na verdade – atravessaria à frente do seu edifício, aleatoriamente no meio da rua, ou na esquina?

Na esquina, havia uma banca de jornais; talvez o tivessem visto ali. Estugou o passo e esperou enquanto um homem comprava um jornal e uma mulher pedia informações. Quando o vendedor olhou para ela, disse:

– Será que me podia dizer se um jovem bastante alto, de fato azul, passou por aqui esta manhã, por volta das dez horas?

Quando o homem se limitou apenas a olhar para ela, os olhos esbugalhados e a boca um pouco aberta, pensou: «ele acha que é uma brincadeira ou um truque», e disse em tom de urgência:

– É muito importante, por favor, acredite em mim. Não estou a brincar consigo.

– *Olhe*, minha senhora... – começou o homem.

E ela acrescentou ardentemente:

– É um escritor. Pode ter comprado aqui revistas.

– O que lhe quer? – perguntou o homem.

Olhou para ela, a sorrir, e ela apercebeu-se de que havia um outro homem à espera atrás dela, e que o sorriso do vendedor de jornais também o incluía.

– Esqueça – disse.

No entanto, o vendedor de jornais acrescentou:

– Ouça, talvez tenha passado por aqui.

O sorriso dele era cúmplice e os olhos deslizaram por cima do ombro dela, para o homem que esperava atrás. Sentiu-se, de súbito, terrivelmente consciente do seu vestido estampado demasiado jovem e apertou rapidamente o casaco à sua volta. O vendedor de jornais disse, com grande meditação:

– Ora, não tenho a certeza, atenção, mas é possível que tenha passado por aqui, esta manhã, alguém como o cavalheiro seu amigo.

– Por volta das dez?

– Por volta das dez – concordou o vendedor de jornais. – Um tipo alto, de fato azul. Não me surpreenderia nada.

– Para que lado foi? – perguntou ela, ardentemente. – Para a zona alta da cidade?

– Para a zona alta da cidade – disse o vendedor, acenando com a cabeça. – Foi para a zona alta da cidade Foi precisamente isso. O que posso fazer pelo senhor?

Ela recuou, apertando o casaco à sua volta. O homem que estava parado atrás dela fitou-a por cima do ombro e depois ele e o vendedor de jornais olharam um para o outro. Ela perguntou-se por um minuto se deveria ou não dar uma gorjeta ao vendedor, mas quando os dois homens começaram a rir, ela apressou-se a atravessar a rua.

«Para a zona alta da cidade», pensou ela, está certo, e começou a subir a avenida, pensando: «Ele não teria de atravessar a avenida, bastava subir seis quarteirões e virar para a minha rua, desde que se tivesse dirigido para a zona alta da cidade Cerca de um quarteirão mais à frente, passou por uma florista; na montra estava uma exposição de casamento, e ela pensou: «Este é, afinal de contas, o dia do meu casamento, é possível que tenha comprado flores para me levar», e entrou. O florista saiu das traseiras da loja, sorridente e untuoso, e ela

disse, antes que ele pudesse falar, para que não tivesse a oportunidade de pensar que ela queria comprar alguma coisa:

– É *muito* importante que consiga entrar em contacto com um cavalheiro que poderá ter parado aqui para comprar flores, esta manhã. *Muito* importante.

Ela parou para respirar, e o florista disse:

– Sim, que tipo de flores eram?

– Não sei – respondeu ela, surpreendida. – Ele nunca... – Ela parou e disse: – Era um jovem bastante alto, num fato azul. Por volta das dez horas.

– Estou a ver – disse o florista. – Bem, *a sério*, lamento...

– Mas *é tão* importante – disse ela. – Ele pode ter estado com pressa – acrescentou prestável.

– Bem – disse o florista. Sorriu, cordialmente, mostrando todos os seus pequenos dentes. – Para uma *senhora* – disse. Foi até um escaparate e abriu um grande livro. – Para onde seriam enviadas? – perguntou.

– Ora – disse ela –, não creio que as tivesse enviado. Sabe, ele estava a ir... quer dizer, ele tê-las-ia *levado*.

– Minha senhora – disse o florista; soava ofendido. O seu sorriso tornou-se reprovador, e ele prosseguiu: – *A sério*, tem de compreender que a menos que eu tenha *algo* para continuar...

– *Por favor*, tente lembrar-se – implorou ela. – Era alto, e tinha um fato azul, e era por volta das dez da manhã.

O florista fechou os olhos, um dedo encostado à boca, e pensou profundamente. Depois abanou a cabeça.

– Simplesmente, *não consigo* – disse.

– Obrigada – disse ela, desanimada, e começou a avançar para a porta, quando o florista disse, numa voz guinchada, excitada:

– Espere! Espere só um momento, minha senhora. – Ela virou-se e o florista, voltando a pensar, disse por fim: – Crisântemos? – Fitou-a inquisitivamente.

– Oh, *não* – disse ela; a voz dela tremeu um pouco e esperou um minuto antes de prosseguir. – Não para uma ocasião como esta, estou certa.

O florista apertou os lábios e afastou friamente o olhar.

– Bem, *claro* que eu não sei qual é a *ocasião* – disse –, mas tenho a certeza de que o cavalheiro que está à procura passou por aqui esta manhã e comprou uma dúzia de crisântemos. Sem entrega.

– Tem a *certeza*? – perguntou ela.

– Absoluta – disse o florista, enfaticamente. – Foi sem dúvida esse o homem.

Ele sorriu, intensamente, e ela sorriu-lhe também e disse:

– Bem, muito obrigada.

Ele acompanhou-a até à porta.

– Um belo ramalhete para levar ao peito? – disse, enquanto percorria a loja. – Rosas vermelhas? Gardénias?

– Foi muito simpático da sua parte ajudar-me – disse ela à porta.

– As senhoras ficam sempre mais belas com flores – disse ele, curvando a cabeça na direcção dela. – Orquídeas, talvez?

– Não, obrigada – disse ela.

E ele disse:

– Espero que encontre o seu jovem – e emitiu um som desagradável.

Enquanto subia a rua, ela pensou: «Toda a gente acha que é muito *divertido*», e apertou ainda mais o casaco à sua volta, de tal modo que apenas o folho de renda em torno da bainha do vestido estampado ficou visível.

Havia um polícia na esquina, e ela pensou: «Porque não abordo o polícia – vai-se à polícia quando alguém desaparece». E depois pensou: «Que idiota pareceria». Imaginou-se rapidamente de pé numa esquadra da polícia a dizer: «Sim, íamo-nos casar hoje, mas ele não apareceu – e os polícias, três ou quatro deles por ali, de pé, a ouvi-la, a olhar para ela, para o vestido estampado, para a maquilhagem demasiado alegre, sorrindo uns para os outros. Não lhes podia dizer mais do que isso, não lhes podia dizer: «Sim, parece tolo, não parece, eu toda arranjada e a tentar encontrar o jovem que prometeu casar comigo, mas então e tudo o que não sabem? Tenho mais do que isto, mais do que conseguem ver: talento, talvez, e uma espécie de humor, e sou uma senhora e tenho orgulho e afecto e delicadeza e uma certa perspectiva clara da vida que poderia ter deixado um homem satisfeito, produtivo e feliz; há mais do que pensam, quando olham para mim.

Já a polícia era obviamente impossível, já para não falar em Jamie e no que ele pensaria quando soubesse que tinha posto a polícia atrás dele.

– Não, não – disse em voz alta, estugando o passo, e alguém que ia a passar parou e ficou a olhar para ela.

Na esquina seguinte – estava a três quarteirões da sua própria rua –, estava a banca de um engraxador de sapatos; um velho, quase a dormir, estava sentado numa das cadeiras. Ela parou à frente dele e esperou; e, depois de cerca de um minuto, ele abriu os olhos e sorriu-lhe.

– Olhe – disse ela, as palavras projectando-se antes de ter pensado nelas –, desculpe incomodá-lo, mas estou à procura de um jovem que passou por aqui por volta das dez da manhã, viu-o? – E iniciou a sua descrição – Alto, de fato azul, levando consigo um ramo de flores?

O velho começou a acenar ainda antes de ela ter terminado.

– Eu vi-o – disse. – É seu amigo?

– Sim – disse ela, e sorriu-lhe involuntariamente.

O velho pestanejou e disse:

– Lembro-me de ter pensado: vais ter com a tua miúda, jovem rapaz. Vão todos ver as suas miúdas – disse, e abanou a cabeça, tolerantemente.

– Para que lado seguiu? Continuou pela avenida acima?

– Isso mesmo – disse o velho. – Engraxou os sapatos, tinha as suas flores, todo aperaltado, e numa pressa terrível. Tens uma miúda, pensei.

– Obrigada – disse ela, procurando no bolso alguns trocos.

– Ela de certeza que ficou feliz quando o viu, tal o seu aspecto – disse o velho.

– Obrigada – disse ela, de novo, e tirou a mão vazia do bolso.

Pela primeira vez, teve a certeza de que ele estaria à sua espera, e apressou-se a percorrer os três últimos quarteirões, a saía do seu vestido estampado a esvoaçar por baixo do casaco, e virou para o seu próprio quarteirão. Da esquina, não conseguia ver as suas janelas, não conseguia ver Jamie a olhar por elas, à sua espera, e enquanto percorria o quarteirão quase correu para chegar até ele. A chave tremia-lhe nos dedos na porta do rés-do-chão, e enquanto olhava de relance para a mercearia, pensou no seu pânico, enquanto ali bebia café naquela

manhã, e quase riu. À sua própria porta, já não conseguia esperar mais, por isso começou a dizer: «Jamie, estou aqui, estava tão preocupada», mesmo antes de a porta estar aberta.

O seu apartamento esperava por ela, silencioso, deserto, as sombras da tarde estendendo-se a partir da janela. Durante um minuto, viu apenas a caneca de café vazia, e pensou: «Ele esteve aqui, à espera»; antes de a ter reconhecido como sua, deixada aquela manhã. Olhou em redor da sala, para o armário, para a casa de banho.

– Nunca o vi – disse o empregado da locanda. – Sei, porque teria reparado nas flores. Não esteve aqui ninguém assim.

O velho na banca de engraxador acordou de novo e descobriu-a à sua frente.

– Olá, outra vez – disse ele e sorriu.

– Tem a *certeza?* – perguntou ela. – Ele subiu a avenida?

– Observei-o – disse o velho, digno perante o tom dela. – Pensei: ali vai um jovem que tem uma miúda, e viu-o entrar na casa.

– Qual casa? – disse ela, distraidamente.

– Ali mesmo – disse o homem. Inclinou-se para a frente para apontar. – No próximo quarteirão. Com as suas flores e sapatos engraxados e indo visitar a sua miúda. Ali mesmo naquela casa.

– Qual delas? – disse ela.

– Mais ou menos a meio do quarteirão – disse o homem de idade. Olhou para ela desconfiado e perguntou: – Já agora, o que está a tentar fazer?

Ela quase correu, sem parar para lhe dizer: «Obrigada.»

Quando chegou ao quarteirão seguinte, avançou rapidamente, olhando para as casas desde o exterior para ver se Jamie surgia a uma janela, escutando para ver se ouvia o seu riso vindo agures lá de dentro.

Uma mulher estava sentada em frente de uma das casas, empurrando o carrinho de bebé monotonamente, para trás e para a frente, em todo o comprimento do seu braço. O bebé dormia lá dentro, andando para trás e para a frente.

A pergunta já era, por aquela altura, fluente.

– Desculpe, mas viu um jovem entrar numa destas casas por volta das dez da manhã? Era alto, usava um fato azul, levava consigo um ramo de flores.

Um rapaz com cerca de 12 anos parou para ouvir, virando-se atentamente de uma para a outra, olhando ocasionalmente de relance para o bebé.

– Escute – disse a mulher com a voz cansada –, o miúdo toma banho às dez. Acha que eu veria homens estranhos a andar por aí? Pergunto-lhe.

– Um grande ramo de flores? – perguntou o rapaz puxando-lhe pelo casaco. – Um grande ramo de flores? Eu vi-o, m'nha senhora.

Ela baixou os olhos, e o rapaz sorriu-lhe, insolente.

– Em que casa entrou? – perguntou ela, aborrecida.

– Vai divorciar-se dele? – perguntou insistentemente o rapaz.

– Não é nada simpático da tua parte perguntares isso à senhora – disse a mulher que embalava o carrinho de bebé.

– Escute – disse o rapaz –, eu vi-o. Ele entrou ali – apontou para a casa do lado. – Eu segui-o – disse o rapaz. – Ele deu-me uma moeda. – O rapaz baixou a voz para um rosnido e disse: «É um dia importante para mim, miúdo», disse ele. Deu-me uma moeda.

Ela deu-lhe uma nota de um dólar.

– Para onde? – perguntou.

– Último andar – disse o rapaz. – Eu segui-o até ele me ter dado a moeda. Mesmo até cima. – Ele recuou no passeio, ficando fora do seu alcance, com a nota de um dólar. – Vai divorciar-se dele? – perguntou de novo.

– Levava flores?

– Sim – disse o rapaz, e começou a guinchar. – Vai divorciar-se dele, m'nha senhora? Descobriu algo contra ele?

Desceu a rua meio de lado, a uivar:

– Ela tem qualquer coisa contra o pobre tipo – e a mulher que embalava o bebé riu-se.

A porta principal para a rua do edifício estava destrancada; não havia campainhas no vestibulo nem lista de nomes. As escadas eram estreitas e sujas; havia duas portas no último andar. A da frente era a certa; no chão, em frente à porta, havia papel de florista amachucado, e uma fita de papel com laços, como uma pista, como a derradeira pista no *rally paper*.

Ela bateu à porta, e embora ouvisse vozes lá dentro, e tivesse pensado, de súbito, com horror: «O que direi se o Jamie estiver aqui, se ele

vier à porta?» As vozes pareceram silenciar-se de súbito. Ela voltou a bater e houve silêncio, à exceção de algo que poderia ter sido um riso, vindo de muito longe. Ele pode ter-me visto a partir da janela, pensou ela, é o apartamento da frente e aquele rapazinho fez uma barulheira terrível. Ela esperou e voltou a bater, mas fez-se silêncio.

Por fim, dirigiu-se à outra porta do piso e bateu. A porta abriu-se sob a sua mão, e ela viu o sótão vazio, as ripas nuas nas paredes, as tábuas do chão por pintar. Entrou ligeiramente, olhando à sua volta; o quarto estava cheio de sacos de gesso, pilhas de jornais velhos, um baú partido. Ouviu um barulho que lhe pareceu de súbito ser uma ratazana, e depois viu-a, sentada muito perto dela, junto à parede, o seu rosto diabólico alerta, os olhos brilhantes a observá-la. Tropeçou na sua pressa para sair e fechar a porta, e a saia do vestido estampado ficou presa e rasgou-se.

Ela sabia que estava alguém dentro do outro apartamento, porque tinha a certeza de ouvir vozes e, por vezes, risos. Regressou muitas vezes, todos os dias na primeira semana. Passava a caminho do emprego, de manhã; e à noite, quando ia jantar sozinha, mas por muito ou por mais firmemente batesse, nunca ninguém veio à porta.

Numa pequena comunidade do Sul dos Estados Unidos, os habitantes reúnem-se periodicamente na praça central da povoação para a extracção da Lotaria. Todos estão obrigados a participar. Um burburinho nervoso levanta-se entre a multidão à medida que os representantes de cada família retiram o pequeno papel dobrado da caixa de madeira preta. Na hora de o abrir, sabem que o seu destino estará selado...

Considerado hoje um dos contos mais famosos da história da literatura norte-americana, *A Lotaria* motivou uma surpreendente reacção do público aquando da sua primeira publicação na *The New Yorker*, em 1949, com muitos leitores a tomarem a história por verdadeira e a cancelarem a sua assinatura da revista ou a escreverem cartas de indignação dirigidas à autora. Mais tarde inserido no único volume de contos publicado por Shirley Jackson ainda em vida, este constitui um dos maiores exemplos do génio versátil da autora, considerada igualmente uma mestre neste género.

**«Tudo o que escreveu tem a dignidade
e a verosimilhança dos mitos.»**

The New York Times Book Review

**«Sem dúvida alguma, uma autora que está
entre os grandes mestres da Literatura.»**

Daily Telegraph

ISBN 978-989-623-280-1
9 789896 232801



cavalo de ferro